

As características fonéticas de «Remarques du Traducteur» do Maitre Portugais (Lisboa, 1799)

Phonetic Characteristics of «Remarques du Traducteur» do Maitre Portugais (Lisboa, 1799)

Teresa Maria Teixeira de Moura

Universidade de Trás-os-Montes e Alto

Douro (UTAD) | Centro de Estudos em

Letras (CEL) | Vila Real | PT

tmoura@utad.pt

<https://orcid.org/0000-0001-5550-0641>

Resumo: No presente trabalho apresentam-se os conteúdos grafonéticos na gramática intitulada o *Maitre portugais* ou *Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d'après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d'Antoine Vieyra Transtagano* (1799), de um autor anónimo. Este autor parece ter beneficiado da estrutura e do conteúdo da gramática anglo-portuguesa *A new portuguese grammar in four parts* (1768) de António Vieira Transtagano (1712-1797), pelo que se tentará evidenciar se a gramática francesa é uma mera tradução da inglesa ou se o seu tradutor expôs observações linguísticas próprias que o permitem enquadrar no seio da historiografia linguística do português como língua estrangeira contemporânea. Tendo em atenção o “clima de opinião” (Koerner, 2014) em que a obra foi publicada, utilizou-se o método de análise contrastivo às duas gramáticas citadas (Auroux, 2006), que permitiu constatar que, não obstante o tradutor tenha traduzido conteúdos da gramática inglesa, também acrescentou alguns subcapítulos com títulos como “Remarques du Traducteur”. Nestes textos, bem como noutros comentários semelhantes, o autor acrescentou pontos de vista muito pertinentes e inovadores relativamente à sistematização linguística do português, particularmente nas características fonéticas, como língua estrangeira que lhe permitiram ser alvo de destaque entre linguistas contemporâneos como Paul Teyssier. Por estas razões, o tradutor do *Maitre portugais* é uma obra de referência no quadro da linguística portuguesa e franco-portuguesa.

Palavras-chave: Século XVIII; português como língua estrangeira; tradução; fonética; António Vieira Transtagano, Maitre portugais.



Abstract: This paper presents the graphophonetic content of the grammar entitled *Maitre portugais ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d'après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d'Antoine Vieyra Transtagano* (1799), published by an anonymous author. As this author seems to have benefited from the structure and content of the Anglo-Portuguese grammar *A new portuguese grammar in four parts* (1768) by António Vieira Transtagano (1712-1797), we will try to establish whether the French grammar is a mere translation of the English version or whether its translator made his own linguistic observations that let him be integrated within the Portuguese linguistic historiography as a contemporary foreign language. Bearing in mind the “climate of opinion” (Koerner, 2014) in which the work was published, we used the method of contrastive analysis of the two grammars (Auroux, 2006), which certified that although the author translated contents from the English grammar, he also added some subchapters with titles such as “Remarques du Traducteur”. In these texts, as well as in other similar annotations, the author added very pertinent and innovative points of view regarding the linguistic systematisation of Portuguese, particularly in terms of its phonetic characteristics, as a foreign language, which indorsed him to be highlighted among contemporary linguists such as Paul Teyssier. For these reasons, the translator of *Maitre portugais* is a work of reference within the Portuguese and Franco-Portuguese linguistics.

Keywords: XVIII; portuguese as a foreign language; translation; phonetics; António Vieira Transtagano; *Maitre portugais*.

1 Introdução

A gramática intitulada *Maitre portugais ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d'après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d'Antoine Vieyra Transtagano*, de 1799, foi impressa em Lisboa pelo impressor Simão Tadeu Ferreira, e vendida pela livraria Bertrand. É uma obra que se destina a um público francês que pretenda estudar a língua portuguesa, pelo que constitui um manual que se enquadra no conjunto das obras

cujo principal intento é o ensino / aprendizagem do português como língua estrangeira (PLE). À primeira vista, e como o próprio título sugere, esta gramática parece ser uma tradução da gramática inglesa de António Vieira Transtagano—*A new portuguese grammar in four parts* (1768). No entanto, uma consulta ao livro permite constatar que este tradutor não se limitou a traduzir simplesmente a obra inglesa, uma vez que acrescentou muitas observações que, na sua maioria, são intituladas de “Remarques du Traducteur”. Nestes textos, bem como noutros comentários semelhantes, o autor acrescenta à informação traduzida, a partir da gramática anglo-portuguesa, as suas próprias observações que têm em conta as propriedades e as diferenças específicas entre o francês e o português. Apesar de os comentários do redator conterem aspetos muito pertinentes a nível da sistematização linguística dos temas tratados, neste trabalho, limitaremos a nossa análise aos aspetos fonéticos do português destacados pelo tradutor face aos que são apresentados por Vieira, visando apresentar alguns dos elementos mais importantes que nos permitem compreender as ideias linguísticas do autor e enquadrá-las no seio da linguística portuguesa e franco-portuguesa contemporânea, pelo que faremos uma análise contrastiva das gramáticas de Vieira Transtagano (1768) e do Anónimo (1799). Consequentemente, teremos em consideração o modelo de análise proposto por Auroux (2006) que se baseia no facto de se ter em conta as fontes relevantes para a investigação, a sua interpretação e exposição para garantir uma análise rigorosa e objetiva da historiografia linguística, e, por outro, adotaremos os parâmetros de análise propostos por Koerner (2014) que se baseiam no princípio da contextualização histórica, no princípio da imanência e no princípio da adequação teórica no sentido de contribuir para o avanço do conhecimento histórico-linguístico.

Além disso, apoiaremos a nossa análise na *História da Língua Portuguesa* de Paul Teyssier, a fim de comprovarmos a importância da matéria linguística apresentada pelo Anónimo (1799).

2 Contexto

O progressivo interesse pelo estudo das línguas vernaculares, que se vinha desenhando a partir dos descobrimentos e do espírito humanista, em que a língua era considerada um fator de fortalecimento da consciência nacional, levou ao incremento progressivo de obras destinadas ao ensino / aprendizagem das línguas nacionais. Consequentemente, no século XVIII, em Portugal, assiste-se a uma multiplicação dessas obras, que, na sua maioria, apareceram para fazer o repto, sobretudo, às diretrizes dos alvarás régios de 1759 e 1770, num Portugal cada vez mais laicizado em termos educacionais.

A ascensão do estudo das línguas vivas em detrimento das línguas clássicas, mormente o latim e o grego, é também devedora da ação do movimento dos estrangeirados portugueses (Moura, 2012, p. 165) que, imbuídos no espírito iluminista, advogam que o estudo das línguas nacionais constitui um instrumento privilegiado para a intensificação dos contactos entre as nações, em particular para fins comerciais, diplomáticos, científicos e intelectuais. Por esta razão, crescem, em toda a Europa, manuais que se destinam à aprendizagem das línguas, enquanto línguas estrangeiras, cujo o objetivo é sistematizar uma língua com fins pragmáticos bem delineados a fim de responder às necessidades da sociedade.

É neste panorama intelectual que a língua portuguesa, enquanto objeto de estudo, atrai cada vez mais autores, não só como língua materna, mas também como língua estrangeira, a par do estudo de outras línguas como o francês, o italiano, o castelhano e o inglês. Apesar disso, a produção de gramáticas portuguesas como língua não materna é relativamente modesta e tardia quando comparada com as restantes línguas europeias, sendo que o *Maitre portugais ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d'après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d'Antoine Vieyra Transtagano* vem a lume, no último ano da centúria de setecentos, para fazer face à sistematização linguística da língua portuguesa, enquanto língua segunda.

À semelhança de outras línguas europeias, no entanto, o leitor setecentista teria de ter algum conhecimento linguístico de outras línguas para estudar o português, visto que era muito comum o ensino contrastivo com outras línguas. Este aspeto, de resto, podia dificultar a compreensão da pronúncia e levar a interpretações equivocadas.

3 O *Maitre portugais ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d'après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d'Antoine Vieyra Transtagano*

Alguns estudos linguísticos (Fonseca; Marçalo; Silva, 2012, p. 23; Fonseca; Silva; Marçalo, 2016, p. 34; Silva, 2012, p. 68; Teyssier, 1997, p. 55; Torre, 1985, p. 18) que referenciam a *New Portuguese Grammar in Four Parts*, publicada em Londres, em 1768, de António Vieira Transtagano, põem em evidência a influência que esta obra exerceu, de forma implícita ou explícita, em toda a gramaticografia posterior de PLE “donde seja constante o diálogo intertextual entre esta obra e as que a seguiram, publicadas no quadro do ensino / aprendizagem do português, quer nos Estados Unidos, quer em França e Inglaterra [sic.]” (Fonseca; Silva; Marçalo, 2016, p. 34), sendo relevante destacar que a maior parte das obras publicadas constituem simples traduções da inglesa.

Com efeito, o *Maitre portugais ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d'après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d'Antoine Vieyra Transtagano*, como é indicado no próprio título, é uma tradução para francês da gramática de Vieira, mas, que, ao contrário da sua fonte, não tem paratextos, à exceção do índice. No que diz respeito à matéria linguística, verifica-se que a organização da tradução francesa, segue, à risca, a ordenação apresentada por Vieira Transtagano, começando com a tradicional estrutura greco-latina dos conteúdos grafofonéticos, passando, posteriormente, ao tratamento das partes da oração, e, finalizando, com o estudo da sintaxe. A gramática inglesa contém ainda uma secção de “materiais orientado para a competência comunicativa” (Fonseca; Silva; Marçalo, 2016, p. 40) que na versão francesa não está anexada, mas encontra-se num outro volume, como é evidenciado pelo tradutor, no fim da sua obra – “Pour les Dialogues on peut se procurer le Maitre François et Portugais, qui est un Volume, semblable à celui-ci, composé en faveur de ceux qui veulent apprendre le François, qui se vend chez les mêmes Libraires.” (Anónimo, 1799, p. 365).

¹ Para os Diálogos pode-se consultar a obra o *Maitre François et Portugais*, que é um volume semelhante a este e que foi composto para benefício de todos aqueles que querem aprender francês, que é vendido nas mesmas librerias.

Apesar destas semelhanças, a gramática do tradutor Anónimo contém muitas anotações, nas quais são tecidos comentários muito profícuos relativamente à sua fonte principal. Em suma, a estrutura da gramática, de 1799, é a que se segue (Quadro 01).

Quadro 01 – Estrutura da gramática

Conteúdos	Páginas
[Rosto]	[I]
[Página em branco]	[II]
Table	[III]- VII
[Página em branco]	[VIII]
PREMIERE PARTIE. Règles pour la modification et l'usage des différentes parties du Discours.	1-217
<i>Remarques du Traducteur.</i>	9-13
Remarques du Traducteur	14-17
Remarques du Traducteur	18
CHAPITRE SECOND. <i>Des Articles.</i>	19-50 19-26
<i>Rémarques du Traducteur</i>	22-23
Remarques du Traducteur	24-26
CHAPITRE TROISIEME. <i>Des Noms.</i>	27-53
CHAPITRE QUATRIEME. <i>Des Pronoms.</i>	53-86
Remarque du Traducteur	59-62
Remarques du Traducteur	82
CHAPITRE CINQUIEME. <i>Des Verbes.</i>	86-203
Rémarques du Traducteur	202-203
CHAPITRE VI. <i>Des Participes.</i>	203-205
CHAPITRE SEPTIEME. <i>Des Adverbes.</i>	205-211
CHAPITRE VIII. <i>Des Prépositions.</i>	212-214
CHAPITRE XI. <i>Des Conjonctions.</i>	215-217
CHAPITRE X. <i>Des Interjections.</i>	217

PREMIERE PARTIE. SINTAXE.	218-365
CHAPITRE PREMIER. <i>De la Division de la Syntaxe.</i>	218-223
CHAPITRE II. <i>Syntaxe des Articles.</i>	223-229
<i>Remarque du Traducteur.</i>	223-224
CHAPITRE III. <i>De la Syntaxe des noms.</i>	229-233
CHAPITRE IV. <i>Syntaxe des Pronoms.</i>	233-245
<i>Remarque du Traducteur.</i>	243-245
CHAPITRE V. <i>Syntaxe des Verbes.</i>	246-272
<i>Remarque du Traducteur.</i>	262
<i>Remarque du Traducteur.</i>	264
CHAPITRE VI. <i>Syntaxe des Participes et des Gérondifs.</i>	272-276
<i>Remarque du Traducteur.</i>	274-275
CHAPITRE VII. <i>Des Prepositions.</i>	276-342
<i>Remarques du Traducteur.</i>	287-289
CHAPITRE VIII. <i>De l'Orthographe Portugaise.</i>	342-365

Fonte: Elaboração própria

Esta obra é uma gramática prática, com fins pedagógicos e que se destina a qualquer francófono que queira aprender o português, e, como, tal abstém-se de fazer comentários teóricos a respeito da língua, pelo que o seu principal objetivo é descrever a norma da língua portuguesa, usando como metalíngua o francês, como, de resto, atestam as próprias palavras do autor “En effet ce n'est pas une Grammaire générale que j'ai eu la prétention de faire: Je ne veux que donner aux François les moyens de traduire leurs idées en Portugais.”² (Anónimo, 1799, p. 24), reiterando que “Accumuler donc des règles communes aux deux langues ne seroit, à ce qu'il me semble, que grossir le volume, surcharger la mémoire, embrouiller les idées et le tout fort inutilement.”³ (Anónimo, 1799, p. 24). Este aspeto não impede, porém, que esta obra tenha uma significativa importância histórica, sendo, por isso, os seus conteúdos, as suas metodologias e os seus pressupostos merecedores de uma análise cuidadosa.

² Na verdade, não é uma gramática Geral que pretendo produzir: quero apenas dar aos franceses os meios para traduzirem as suas ideias em português.

³ Acumular as regras comuns às duas línguas só me parceria aumentar o volume, sobrecarregar a memória, confundir as ideias e tudo muito desnecessariamente.

Relativamente ao tradutor da obra, não possuímos, até à data, quaisquer elementos que possibilitem a sua identificação. Excluímos, à partida, que a sua autoria seja do próprio Vieira Transtagano, na medida em que nos parece que o seu redator seja nativo em língua francesa. Esta opinião é corroborada por Teyssier (1997, p. 59-60), pelo que, quanto à origem do autor, nos devemos ficar por um “pseudotranstagano”.

3.1 Características grafofonéticas

Como já foi evidenciado, no que diz respeito aos aspetos de pronúncia da língua portuguesa, a gramática francesa segue de perto a tipologia da gramática inglesa de Vieira. Esta semelhança é visível na pronúncia das vogais e das consoantes que passaremos a analisar. No entanto, cumpre referir a este propósito que trataremos apenas dos aspetos do vocalismo e do consonantismo em que o Anónimo (1799) é inovador relativamente à matéria fonética apresentada por Vieira (1768), sobretudo pelo facto de o Anónimo (1799) considerar que as regras apresentadas 31 anos antes por Vieira terem de ser alteradas, não só pela necessidade daquilo a que hoje apelidamos de fonética percetiva⁴, pois a forma de sentir um som “*n’est pas la même pour une oreille angloise et une oreille françoise*”⁵ (Anónimo, 1799, p. 2), como também devido ao facto de, um ponto de vista diacrónico, haver alterações de pronúncia em todas as línguas, particularmente na portuguesa.

3.1.1 Vocalismo

Na generalidade, o Anónimo (1799) segue de perto Vieira (1768) relativamente às considerações que tece a respeito do vocalismo português, como é visível no Quadro 02

Quadro 02 – pronúncia das vogais

VIEIRA (1768, p. 3-4)	ANÓNIMO (1799, p. 2-4)
A	A
A in Portuguese is commonly pronounced like <i>a</i> in the following English words, <i>adapted</i> , <i>castle</i> , &c. It is sometimes pronounced with less strength, and closely, as in <i>ambos</i> , where the <i>a</i> is pronounced like <i>a</i> in the English word <i>ambition</i> .	A se prononce communement en Portugais comme en François dans les mots <i>ardeur</i> , <i>ardor</i> ; <i>adopter</i> , <i>adopter</i> . Cependant on le prononce quelques fois avec moins de force et on lui donne un ton un peu fermé dans le mot Portugais <i>ambos</i> , où il se prononce comme dans le mot François <i>ambition</i> .

⁴ A fonética percetiva é o ramo da fonética que se debruça sobre o estudo dos processos de audição da fala e do processamento das suas características pelo cérebro humano. Estuda também a representação mental dos sons da fala, que são profundamente condicionados pelos processos cognitivos de reconhecimento dos sons e influenciados pelas representações cerebrais dos sons da escrita. Assim sendo, o autor em estudo chama a atenção para o facto de o número de sons do português reconhecidos por um falante inglês e por um falante francês ser diferente.

⁵ Não é o mesmo para um ouvido inglês e um ouvido francês.

E The letter <i>e</i> has two different sounds; the one open, like <i>ay</i> in <i>dayly</i>; the other close, like that in the English word <i>mellow</i>. Examples of the former, <i>fê</i>, faith, <i>pé</i>, foot, &c. Examples of the latter, <i>rede</i>, a net, <i>parede</i>, a wall, &c. [...]	E <i>E</i> a deux sons différens: l'un ouvert comme dans le mot François <i>abcés</i>: l'autre très fermé comme dans le mot François <i>charitè</i>. Exemples de la premiere manière, <i>fê</i> foi, <i>pé</i> pied. Exemples de la seconde, <i>Rede</i> filet, <i>Parede</i> muraille. [...]
I Is pronounced like <i>ee</i> in the English word <i>steel</i>, aço; or like <i>i</i> in the English words <i>still</i>, ainda; <i>visible</i>, visível.	I <i>I</i> se prononce comme en François, cependant dans plusieurs mots principalement dans ceux qui se terminent en <i>il</i> comme <i>facil</i> il y a une certaine mollesse de prononciation qui fait rester entre <i>e</i> et <i>i</i> d'une manière presque indecise entre ces deux lettres.
O This vowel has two sounds; one open, as in the word <i>dó</i>, pity, where the <i>o</i> is pronounced like our <i>o</i> in the word <i>store</i>; the other close, as in the Portuguese article <i>do</i>, of, and the word <i>redondo</i>, round, where the <i>o</i> is to be pronounced like our <i>u</i> in <i>turret</i> or <i>stumble</i>. [...]	O <i>O</i> a aussi deux sons différens: l'un ouvert comme dans le mot Portugais <i>dó</i> pitié, où l'on prononce la lettre <i>o</i> comme les François prononcent leur diphthongue <i>au</i> dans le mot <i>centaure</i>: l'autre fermé comme dans l'article Portugais <i>Dó</i> où il se prononce presque comme la Diphthongue des François <i>ou</i>. [...]
U The vowel <i>u</i> is pronounced like <i>oo</i> in the English.	U <i>U</i> se prononce comme la Diphthongue <i>ou</i> des François. Cette voyelle accompagne toujours la lettre <i>q</i>, et ne s'y prononce presque jamais. [...]
Y Y has the same sound as the Portuguese vowel <i>i</i>.	Y <i>Y</i> se prononce absolument comme <i>i</i>. Enfin il est essentiel d'avertir que les voyelles finales sont ou deviennent très souvent muettes.

Fonte: Elaboração própria

Apesar disso, o nosso autor distingue-se do autor anglófono relativamente à pronúncia de <e>, visto que acrescenta às regras expostas pelo autor da gramática inglesa as seguintes observações:

[...] est, mais très-rarement, presque muette à la fin des mots comme dans *futilidade*, futilité, *amaste* seconde personne singulier du passé du verbe *amar*, tu aimas. Elle est excessivement fermée dans les infinitifs en *er* de la seconde conjugaison, *ser*, *vender*, c'est presque tout le contraire du François.⁶ (Anónimo, 1799, p. 10).

Embora se denote alguma dificuldade em explicar estas regras por parte do gramático, sobretudo pelo facto de elas divergirem das da língua francesa, e de o autor parecer ser nativo nesta língua e, como tal, ter menor facilidade em reconhecer algumas características dos sons portugueses, sobretudo aqueles que estavam em uso há relativamente pouco tempo em Portugal, como o atesta Teyssier (1982, p. 59), o certo é que o anónimo é inova-

⁶ é, mas muito raramente, quase silencioso no final das palavras como em *futilidade*, *amaste* segunda pessoa do singular do pretérito do verbo *amar*, você amou. É excessivamente fechado nos infinitivos em *er* da segunda conjugação, *ser*, *vender*, é quase o oposto do francês.

dor no seu tempo, pois foi o primeiro gramático a registar a transformação que se operou na pronúncia da vogal átona final <e> em [ə], fechada e quase muda, como hoje pronunciamos, substituindo a pronúncia [i] que, sendo frequente na primeira metade do século XVIII, já era considerada ‘estranha’ na segunda metade do mesmo século, no português europeu. No entanto, o Anónimo faz notar, logo a seguir, que o grafema <e> “Bien plus souvent, surtout quand elle est finale, elle prend le son de la voyelle i: c’est particulièrement la conjonction E, et, que l’on prononce de cette manière” (Anónimo, 1799, p. 10), portanto, [i]. Daqui se depreende que o nosso gramático propunha duas realizações fonéticas distintas para as vogais átonas finais: a manutenção da vogal fechada [i], herdada da primeira metade do século XVIII⁸, e da vogal fechada [ə], consolidada na segunda metade da centúria de oitocentos.

No seguimento destas apreciações, o Anónimo (1799) ainda apresenta algumas características fonéticas do grafema <i>, distinguindo a sua pronúncia em encontros vocálicos <-ia>, em palavras cujo <i> é extremamente longo, nos verbos, por exemplo, *vendia*, considerando, pois, duas vogais em hiato, e, nos nomes cujo <i> é breve, em palavras como *correspondencia*, reconhecendo o ditongo crescente [ja].

Também em relação à pronúncia de <o>, o gramático Anónimo tece comentários muito pertinentes e inovadores para a época, dos quais merece realce o facto de admitir que o “O surtout lorsqu’il est final ou qu’il derive de l’o final se prononce en général comme ou en François, ainsi os final se prononce presque comme ous ou plutôt se rapproche très sensiblement de ouch” (Anónimo, 1799, p.10), ou seja, [u], pelo que consigna a vogal posterior fechada [u]. Esta alteração da vogal final posterior, semifechada, [o] em [u], segundo Teyssier (1982, p. 58), era já um facto consumado na primeira metade da centúria de oitocentos em todo o território português, mas só começou a ser referenciada por alguns gramáticos a partir da segunda metade do século XVIII, dos quais o linguista referencia Verney¹⁰ e o Anónimo, sublinhando a precisão dos comentários deste último.

Acresce ainda notar que, segundo o gramático, a grafia portuguesa das terminações das formas verbais “des troisiemes personnes singulier du passé défini” (Anónimo, 1799, p. 10) também se pronunciam com a vogal posterior fechada [u], sendo que a pronúncia acaba por influenciar a própria ortografia das palavras, na medida em que são inúmeros os casos em que se grafa *vendeu*, por *vendeo*, que, de acordo com o gramático, são ortografias que se encontravam registadas em livros antigos. Segundo o gramático, tais grafias são incorretas, porque caíram em desuso, pelo que o gramático é partidário de autores que refutam a variante <eu> do ditongo <eo>, nas terceiras pessoas do pretérito perfeito simples dos verbos da segunda e da terceira conjugações, como é o caso do ortógrafo Bento Pereira (Assunção *et al.*, 2020).

7 Muito mais frequentemente, especialmente quando é final, assume o som da vogal i: é particularmente a conjunção E, e, que é pronunciada desta forma.

8 Teyssier (1982, p. 60) defende que “Para certos historiadores da língua, a pronúncia do -o e do -e como [u] e [i] em posição átona final, cujos testemunhos mais antigos datam da primeira metade do século XVIII, deve ser recuada para uma época bem anterior, pelo menos até o século XVI.”

⁹ O especialmente quando é final ou quando deriva de o final é geralmente pronunciado como ou em francês, portanto os final é pronunciado quase ous ou melhor, é muito próximo de ouch.

¹⁰ A este propósito, o autor tece o comentário seguinte “Finalmente devo advertir a V. P. que estes seus nacionais, ainda falando, pronunciam mal muitas letras no-meio; mas principalmente nos-fins das disoens. V.G. e final, pronunciam como i: como em De-me, Pos-me &. todo o o final, acabam em u: v.g. em Tempo, Como, Buxo &. cujos nomes quem quer pronunciar à Portuguesa, deve acabar em u.” (Verney, 1746, l, p. 42-43).

Posteriormente, o gramático continua com a exposição das vicissitudes da pronúncia da ortografia portuguesa <ou>, desta vez para alertar o leitor para a monotongação do ditongo decrescente [ow] em [o], pois pode ser estranho e causar confusão a um cidadão francês, mas que é muito frequente ouvir-se [amo], em vez de [amow]. Ora, se tivermos em consideração, mais uma vez, os aspetos referidos por Teyssier (1982, p. 52), verificamos que o nosso autor conhecia perfeitamente as mudanças fonéticas que se operavam na sua época, porque esta monotongação só se começou a verificar no século XVII, começando no sul do nosso país e alastrando-se, progressivamente, ao resto do território, tendo escapado a esta tendência o Norte de Portugal, onde se manteve o ditongo.

Ainda a propósito da monotongação referida anteriormente, Teyssier (1982, p. 53) argumenta que todas as palavras que possuíam um <ou> foram atingidas por essa transformação, havendo algumas exceções em que o <ou> foi alterado para o ditongo decrescente com a semivogal [j] – [oj], resultando nas duas variantes gráficas e fonéticas atuais <ou> e <oi>, por exemplo, *touro*, *toiro*. Sublinha, ainda, que o surgimento da segunda opção evitava a dita monotongação, mas que acabava por se confundir com o ditongo <oi> que já existia na língua em palavras como *noite* e *oito*, sendo, precisamente, este aspeto apontado, no fim do século XVIII, pelo nosso gramático, que argumenta:

Enfin assés nouvellement on a trouvé dure la prononciation même de *ou* dans les mots où il se rencontre naturellement placé de sorte que très souvent on prononce la dernière de ces deux lettres comme si c'étoit un *i*, autrefois on écrivoit *noute* qui s'écrit à cette heure généralement *noite* la nuit; on commence à dire et même à écrire souvent *coisa* pour *cousa*, chose; *oiro* pour *ouro*, or: et le nom propre de la maison de *Souza* se prononce généralement *Soiza*.¹¹ (Anónimo, 1799, p. 11).

Ao terminar as considerações sobre a pronúncia das vogais, o Anónimo (1799) expõe as particularidades vocálicas da vogal <u>, advogando que corresponde à pronúncia do ditongo <ou> francês. Nesse contexto, chama ainda a atenção para as particularidades da consoante oclusiva velar [g] com a grafia do dígrafo consonantal <gu>, por exemplo, *sangue*, [ˈsẽg(ə)]; e com a grafia da vogal <g>, por exemplo, *ensanguentado*, [ẽsẽgwẽ'tadu] com a variante ortográfica *ensanguentado*.

O Anónimo subdivide os ditongos em duas classes, parecendo evidenciar, na primeira classe, os ditongos decrescentes orais e nasais, e ainda vogais nasais, <ãa, ãe, ay, ai, ao, au, eo, ey, ei, eu, io, oe, oy, ou, ue>, por exemplo, *maçãa*, *cães*, *pay*, *mais*, *pão*, *causa*, *ceo*, *Rey*, *amei*, *eu*, *vio*, *poem*, *compõem*, *boy*, *dou*, *sou*, *azues*; e, na segunda classe, os crescentes orais e nasais <ai, ea, ia, io, iu, oa, oe, oi, oo, ui>, por exemplo, *paiz*, *lamprea*, *clemencia*, *navio*, *viuva*, *Lisboa*, *Toem*, *Roim*, *cooperação*, *ruina*, que são as duas classes herdadas de Vieira¹². A sistematização

¹¹ Enfim quando achamos difícil a própria pronúncia de *ou* nas palavras onde é naturalmente colocado, de modo que muitas vezes pronunciamos a última dessas duas letras como se fosse um *i*, antigamente escreviamos *noute* que atualmente se escreve geralmente *noite*; muitas vezes começamos a dizer e até escrever *coisa* por *cousa*; *oiro* por *ouro*; *ou*: e o nome próprio da casa de *Souza* é geralmente pronunciado *Soiza*.

¹² Após defender que o encontro de várias vogais numa mesma sílaba corresponde a um ditongo, Vieira (1768) considera que são ditongos as sequências <aa, ae, ay, ai, ao, au, eo, ey, ei, eu, io, oe, oy, ou, ue>, por exemplo, *maçãa*, *caês*, *pay*, *mais*, *pao*, *causa*, *ceo*, *rey*, *amey*, *eu*, *vio*, *poêm*, *boy*, *dou*, *azues*; e os encontros vocálicos <ai, ea, ia, io, iu, ao, oe, oi, oo, ui>, por exemplo, *paiz*, *lamprea*, *clemencia*, *navío*, *viuva*, *Lisboa*, *tõem*, *roim*, *coopera-*

destas classes é apoiada no ponto de vista silábico, porque o ditongo corresponde ao “rencontre de plusieurs voyelles dans une seule et même syllabe¹³” (Anónimo, 1799, p. 17). Apesar desta adoção o gramático também tece alguns comentários para refutar a opinião da sua fonte principal. Com efeito, o Anónimo (1799, p. 18) argumenta que, embora se possa admitir que os ditongos da primeira classe explanados por Vieira (1768) formam apenas um único som, há exceções, apoiando o seu ponto de vista na autoridade do uso que é contrária à opinião do autor anglófono. Na realidade, para o gramático Anónimo, é necessário distinguir, nos exemplos apresentados por Vieira (1768), aqueles cujos encontros vocálicos se pronunciam a um só tempo, como é o caso de *Rey*, dos que “se prononcent très distinctement en deux tems.¹⁴” (1799, p. 19), por exemplo, *Acontece-o, Re-ino, Pa-i, Pa-iz*,

Para terminar os comentários às opções de Vieira (1768), o gramático Anónimo (1799) refuta a duplicação das vogais em hiato <aa>, e, não obstante refira apenas o caso de o encontro vocálico ter uma vogal nasal, opta por representar a sua contração pelo uso do til, <ã>, cuja pronúncia corresponde à vogal nasal média ou central [ẽ], pois pronuncia-se <an>, admitindo que a primeira opção, embora se encontre em muitas obras antigas, é à época considerada já antiga.

3.1.2 Consonantismo

A exposição da pronúncia das consoantes portuguesas apresentada pelo Anónimo (1799) é, na generalidade, baseada na explicação apresentada por Vieira (1768), como é visível no Quadro 03. Assim, na caracterização de <b, c, d, f, g, h, j, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z>, o Anónimo (1799) não apresenta contribuições substanciais, visto que são, praticamente, traduções literais do autor anglófono. Consequentemente, evidenciaremos apenas os aspetos em que o nosso autor é, realmente, inovador.

çam, ruína, explicando que, nesta segunda classe, é necessário pronunciar as duas vogais clara e distintamente. (Vieira, 1768, p. 7-8)

¹³ Encontro de várias vogais numa única sílaba.

¹⁴ São pronunciados muito distintamente em duas partes.

VIEIRA (1768, p. 4-7)	ANÓNIMO (1799, p. 4-9)
Of Consonants	Des consonnes
B Keeps always the same sound as in English.	B B se prononce toujours essentiellement comme en François quoiqu'en beaucoup de circonstances il semble se rapprocher sensiblement du v.
C Before a, o, u, and the consonants l, r, is properly pronounced as k; but before e and i it takes the hissing found of s: it takes also the sound of s before a, o, u, when there is a dash under it thus ç. [...] C before h is pronounced like ch in the English words charity, cherry, &c. Double c insounded only before e and i, the first with the sound of k, and the other with the hissing sound of s; as in accidente, accident, pronounce ak-sidente.	C C se prononce toujours comme en François: c'est à dire qu'il prend le son du K devant les voyelles a, o, u, et devant les consonnes s, r, et t; mais devant les voyelles e et i il prend le son de la lettre s. Il prend aussi ce dernier son devant les trois autres voyelles lorsqu'il y a une cedille dessous en cette maniere ç. [...] Le double c se prononce comme en François: peut-être y a-t-il beaucoup de cas où l'on ne fait presque pas sentir le premier, surtout quand le second est avec une cedille; comme dans le mot acção [...].
D Is pronounced in Portuguese as in English.	D,F D, F se prononcent comme en François.
F Is pronounced always as in English.	
G Before the vowels a, o, u, and before consonants, is pronounced as in English: example, gosto, taste; gaiola, cage; grito, a cry. G before e and i denotes the sound of j consonant. Gua sounds almost like our wa: example, guarda, pronounce gwarda. Gue, gui, are pronounced as gue in the word guest, and gi in the word gist; but in the verbs arguir and redarguir it is to be pronounced as if it was written argueer, &c.	G G se prononce aussi en général comme en François, c'est à dire que devant les voyelles a, o, u, il prend un son guttural et dur; au lieu que devant les deux autres voyelles il prend un son adouci comme dans Giges. Gua se prononce à peu près comme le w des Anglois, c'est à dire que Guarda se prononce Gouarda [...]. Gue et gui se prononce ni comme en François, mais dans les verbes arguir et redarguir on fait sentir la voyelle u de manière qu'ils se prononcent argouir et redargouir [...].
H The letter h is never aspirated nor pronounced at the beginning of word, as hora, an hour; homem, a man: but, according to the modern orthography, all those words are written without an h. H when preceded by a c, makes a sound with it like our ch. See the letter C, and also the letters L and N.	H La letre h n'est jamais aspirée en Portugais au commencement des mots, si bien que suivant l'orthographe moderne on écrit presque tous ces mots indifféremment avec ou sans h. [...]. Voyes à la lettre c ce que j'en ai dit lorsqu'elle précède la lettre h. Voyes également les lettres l et n pour les cas où elles la précèdent aussi
J Is pronounced like our j consonant. [...]	J J se prononce comme en Anglois ou en Italien Dja, Dje, Dji, Djo, Dju, ou mieux cependant plutôt en appuyant fortement sur le J qu'en le faisant précéder d'un D.

L

Is pronounced in Portuguese as in English.
Lh is pronounced like g before an l in the Italian words figlio, foglio, &c.

M

Is pronounced as in English, being placed before a vowel which it forms a syllable; but when it is at the end of words, and preceded by the letter e, causes in Portuguese a nasal sound like that of the French words vin, wine; pain, bread; except sôem, tõem, from the verbs soar, toar, and some others.
M at the end of words, preceded by an a, o or i, has such a nasal obtuse sound that only may be learned from a master's mouth.

N

N being before a vowel with which it forms a syllable, is pronounced as in English; otherwise, it only gives a nasal sound to the vowel that precedes it.
N before h has the same sound as gn in Italian, or in the French words Espagne, Allemagne.

P

P and ph are pronounced as in English.

Q

Is pronounced like k: example, quero, I am willing, pronounce kero. [...]

R

R and double r are pronounced as in English.

S

S and ss are pronounced as in English.
S between two vowels is pronounced like a z; particularly in the words ending in oso, as amoroso, cuidadoso, &c. and, as some say, in those that end in esa, as mesa, defesa, &c.

T

Is pronounced as in English.

V

Is pronounced as in English.

L

L se prononce comme en François.
Lh se prononce comme les deux ll mouillées du François ou le Gl des Italiens.

M

M se prononce comme en François lorsqu'elle précède une voyelle avec laquelle elle forme une syllabe; mais quand elle est à la fin des mots et précédée par les voyelles a, e, i, o, cette syllabe prend un son nasal comme s'il y avoit une n au lieu d'une m: ainsi am se prononce an, em se prononce en, se rapprochant beaucoup du son de en des François dans leur mot vin [...].

N

N précédant une voyelle avec laquelle elle fait une syllabe se prononce comme en François et lorsqu'elle suit la voyelle elle donne à la syllabe le même son nasal qu'en François.
Lorsqu'elle est devant la lettre h ces deux lettres se prononcent comme les lettres gn en François dans le mot montagne.

P, PH

P et Ph tout comme en François.

Q

Q est toujours suivi de la voyelle u et se prononce individuellement comme en François [...]

R

R et double r comme en François.

S

S se prononce par tout comme en François soit qu'elle soit double soit qu'elle se rencontre simple entre deux voyelles: elle s'adoucit dans ce dernier cas au point de se prononcer comme un z dans les mots dérivés du Latin et surtout dans ceux qui se terminent en oso comme amoroso, cuidadoso; et selon quelques auteurs dans ceux qui se terminent en esa comme mesa, defesa [...].

T

T comme en Français [...].

V

V se prononce aussi comme en François.

X

Is pronounced as sh in English; except axioma, in which, according to Feyjo, the x is to be pronounced like c.

X after the vowel e is pronounced like cs, in the words extençam, extenuado, expulso, excelente, and some other words.

X between two vowels is pronounced like gz in the words exactamente, exornar; except Alexandre, Paixão, Puxo, baxo, and some other words, that only may be learned by use. You must take care in pronouncing the g so smoothly as to render it almost imperceptible to the ear.

X

X se prononce en général comme les lettres ch en François excepté axioma, ou suivant Feyjo cette lettre doit se prononcer comme un c.

X après la voyelle e se prononce comme cs dans le mots extensão, extenuado: cependant cette prononciation est un peu dure et l'usage l'a beaucoup amolli.

Entre deux voyelles on prononce cette lettre comme gz par exemple dans Alexandre, Paixão, Puxo, Baxo, et quelques autres que l'usage seul peut apprendre, où la lettre x quoique entre deux voyelles doit se prononcer d'une manière plus forte et plus rapprochée du son des lettres cs: à cela près il faut dans tous les autres cas tellement en amollir le son que le g se fasse à peine sentir. [...]

Z

Is pronounced as in English; but at the end of words is pronounced like s, as rapáz, boy; Francez, French; perdiz, partridge; voz, voice; luz, light, &c.

Z

Z se prononce généralement comme en François, mais à la fin des mots on le prononce comme la lettre s, ainsi Rapaz, garçon, doit se prononcer Rapaz. Francez, François, doit se prononcer Francez, perdiz, perdrix, doit se prononcer perdis &c.

Fonte: Elaboração própria

Com efeito, reconhece que a pronúncia de é igual à francesa, mas, sem tecer qualquer comentário adicional; também admite o traço de pronúncia apelidado hoje como a “troca do b pelo v”, o chamado *betacismo*, já que, para o autor, “quoiqu'en beaucoup de circonstances il semble se rapprocher sensiblement du v.¹⁵” (Anónimo, 1799, p. 4), sendo de resto um aspeto já antes apontado por Leão (1576, fol. 4r), que havia evidenciado esta confusão entre os “Portugueses d'entre Douro & Minho”. Teyssier (1982, p. 49) demonstra que, a partir de Leão, houve uma necessidade de todos os ortógrafos e gramáticos portugueses evidenciarem este aspeto nas suas obras, pelo que se ressalva que esta variação diatópica é a que faz “reconhecer a origem provincial de tal ou tal locutor (Teyssier, 1982, p. 47).

Quanto à pronúncia do dígrafo consonantal <ch>, o nosso gramático (1799) argumenta que Vieira (1768) não tem razão quando diz que este som é pronunciado como o <ch> da palavra inglesa *charity*, pois, em seu entender, em inglês usa-se a africada [tʃ], na medida em que “on le fait précéder d'un T fortement exprimé” (Anónimo, 1799, p. 12), contrariamente à língua portuguesa cuja pronúncia a dispensa. Daqui se depreende que o Anónimo (1799) é, mais uma vez, inovador relativamente à sua fonte principal, denotando-se uma atenção muito peculiar às mudanças linguísticas que se operavam na língua portuguesa e dando uma importância fulcral à autoridade do uso. De facto, a passagem da africada [tʃ] à fricativa [ʃ] constitui um fenómeno da língua portuguesa que ocorreu por volta do século XVII e, apesar de muitos gramáticos e ortógrafos especificarem a pronúncia da africada [tʃ] para a grafia <ch> e a fricativa [ʃ] para a grafia <x>, acabou por se instalar em praticamente todo o território nacional, tornando-se a “norma da *língua padrão*” (Teyssier, 1982, p. 54).

Por outro lado, o gramático Anónimo (1799) é, depois de Verney (1746, p. 29), um dos autores a fazer uma referência mais pormenorizada em relação à pronúncia de <s>, baseando

¹⁵ Embora em muitas circunstâncias pareça estar significativamente mais próximo do v.

o seu ponto de vista no posicionamento que a consoante assume na palavra. Em posição final absoluta, ou seja, como fricativa chiante surda [ʃ], já que admite que “os final se prononce presque comme *ous* ou plutôt se rapproche très sensiblement de *ouch*. (...) *otrous* ou plutôt *otrouch* qui s’écrit *outros*¹⁶” (Anónimo, 1799, p. 10-11). Além disso, diz que se pronuncia ainda como fricativa chiante surda [ʃ], quando a consoante <s> está antes de outra consoante surda (Teyssier, 1982, p. 54), por exemplo, “*Echstado, Echsposa*” (Anónimo, 1799, 13)¹⁷.

Para terminar as suas observações a respeito da gramática de Vieira (1768), o Anónimo (1799) diz o seguinte “L’auteur dit encore que la lettre *g* devant les deux voyelles *E* e *I*, se prononce comme le *jota*, cela est assés vrai par rapport à l’Anglois où cette derniere lettre est un peu précédée d’un *d*¹⁸” (Anónimo, 1799, p. 12), cuja pronúncia se faz com a africada [dʒ]. Todavia, alerta para o facto de, mais uma vez, esta regra não ser muito correta, uma vez que exemplificando com a língua francesa pelo recurso à palavra *giges*, defende que a sua pronúncia, não sendo a mesma no português e francês, está muito mais próxima da língua francesa do que da pronúncia inglesa, visto que o [d] é quase impercetível no português, o mesmo acontecendo com consoante <j>.

4 Considerações finais

A publicação da gramática o *Maitre portugais ou Nouvelle grammaire portugaise et françoise, composée d’après les meilleurs grammaires et, particulièrement, sur la portugaise et angloise d’Antoine Vieyra Transtagano* (1799), do português como língua estrangeira, aparece numa época em que na Europa se valorizava o ensino / aprendizagem das línguas vernáculas como veículo de acesso às relações diplomáticas, económicas e sociais entre os países. Embora tardiamente, Portugal não ficou alheio a este fator, pois, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, começaram a surgir várias gramáticas cujo intento era, precisamente, fornecer materiais que orientassem todos os estrangeiros que quisessem estudar o português, pelo que grande parte das gramáticas usou um método de análise e explicação contrastivo entre as línguas objeto de estudo e as respetivas metalínguas.

Como foi evidenciado, a gramática inglesa de Vieira Transtagano serviu de modelo para muitas gramáticas de PLE posteriores, sendo a sua maioria simplesmente traduções do autor alentejano. No entanto, a gramática em apreço não é uma imitação servil da gramática de Vieira, pois, em matéria fonética, sobretudo nas considerações que foram apelidadas como “*Rémarques du Traducteur*”, o redator revela uma capacidade de inovação, na medida em que nunca deixa de ter em atenção a especificidade do seu público-alvo face à gramática de Vieira que se destinava a um público anglofono. Por essa razão, o tradutor revela muita acuidade e perspicácia no que diz respeito à exposição dos aspetos da pronúncia dos diferentes sons portugueses, se o compararmos com a sua fonte principal, pelo que é uma tradução

¹⁶ Os final é pronunciado quase como *ous*, ou melhor, está muito próximo de *ouch* (...) *otrous* que se escreve *outros*.

¹⁷ A propósito da evolução da pronúncia chiante dos grafemas <s> <z> implosivos na língua portuguesa, Teyssier defende que eles “teriam sido inicialmente sibilantes, e, em época mais tardia, compreendida entre o século XVI e a data do primeiro testemunho (Verney, 1746), é que se teria produzido o chiamento.” (Teyssier, 1982, p. 55).

¹⁸ O autor diz também que a letra *g* diante das vogais *E* e *I* é pronunciada como *jota*, isso é bem verdade se comparado ao inglês onde esta última letra é ligeiramente precedida por um *d*.

criteriosamente planeada, revelando-se um profundo conhecedor da sua língua materna que é o francês, mas também muito atento à sistematização linguística do português, na medida em que estava perfeitamente consciente e conhecia as alterações de pronúncia e ortográficas que se verificavam na época. Este aspeto, no fundo, faz com que este tradutor seja referenciado, não raras vezes, pelo linguista contemporâneo Paul Teyssier. Por isso, esta gramática é importante no seio da história da linguística do português como segunda língua.

Agradecimentos

Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), no âmbito do Centro de Estudos em Letras, com a referência n.º UIDB/00707/2020, Portugal.

Referências

ANÓNIMO. *Maitre portugais, ou Nouvelle Grammaire portugaise et Francoise*, composée d'après les meilleures grammaires, et particulièrement sur la portugaise, et angloise d'antoine vieyra trans-tagano, maitre des langues Portugaise, et Italienne, et arrangée de manière à pouvoir servir aux François qui désirent apprendre le Portugais. Lisboa: Simão Tadeu Ferreira, 1799.

ASSUNÇÃO, C. et al. *As Regras Gerayz, Breves & Comprehensivas da melhor orthografia (1666) e outros textos afins de Bento Pereira*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro., 2020. Disponível em: <<https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2021/07/OP4.pdf>>. Acesso em: 31 out. 2023.

AUROUX, S. Les modes d'historicisation histoire et language. *Histoire Épistémologie Language: Histoire des idées linguistiques et horizons de rétrospection*, Vol. 28, 1, 2006. p.105-116. Disponível em: <https://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2006_num_28_1_2869> Acesso em: 24 set. 2023.

FONSECA, M. C; MARÇALO, M. J; SILVA, A. A. O Português como Língua Estrangeira em Gramáticas Antigas – aspetos do contexto anglófono. In: KEMMLER, R; SCHÄFER-PRIESS, B; SCHÖNTAG, R. (orgs.). *Lusofone. SprachWissenschaftsGeschichte I*. Tübingen: Calepinus Verlag, 2012. p. 21-55.

FONSECA, M. C; SILVA, A. A; MARÇALO, M. J. *Uma ou duas gramáticas de Português Língua Estrangeira (PLE)? A New Portuguese Grammar in Four Parts (Londres, 1768)*, de António Vieira, e a *Nouvelle Grammaire Portugaise (Paris, 1810)*, de Alexandre Marie Sané. *Confluência*, Rio de Janeiro, n 50, p. 31-64, 2016. Disponível em: <<https://revistaconfluencia.org.br/rc/issue/view/8/11>> Acesso em: 1 out. 2023.

KOERNER, E. F. K. Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014. Disponível em: <https://www.utad.pt/cel/wp-content/uploads/sites/7/2018/05/CEL_Lingu%C3%ADstica_11.pdf> Acesso em: 24 set. 2023.

LEÃO, D. N. *Orthographia da lingoa portuguesa*: obra vtil & necessaria assi pera bem screuer a lingoa Hespanhol como a Latina & quaesquer outras que da Latina teem origem; Item hum tractado dos pontos das clausulas pelo licenciado Duarte Nunez do Lião. Lisboa: João de Barreira, 1576. Disponível em: <https://purl.pt/15/4/res-277-2-v_PDF/res-277-2-v_PDF_24-C-R0150/res-277-2-v_0000_rosto-78v_t24-C-R0150.pdf> Acesso em: 1 out. 2023.

SILVA, A. C. *Português para inglês ver: primórdios do ensino /aprendizagem de português como língua estrangeira*. 2012. 122f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/5827/1/AMANDA_CARVALHO_SILVA.pdf> Acesso em: 25 out. 2023.

MOURA, T. *As Ideias Linguísticas Portuguesas no século XVIII*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2012. Disponível em: <https://www.utad.pt/cel/wponent/uploads/sites/7/2018/05/CEL_Lingu%C3%ADstica_8.pdf> Acesso em: 3 nov. 2023.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. Tradução de Celso Cunha. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1982.

TEYSSIER, P. *História da Língua Portuguesa*. 7.ed. portuguesa. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1997.

TORRE, M. G. *Gramáticas inglesas antigas: alguns dados para a história dos estudos ingleses em Portugal até 1820*. 1985. 80f. (Trabalho complementar à dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1985. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10216/13511>>. Acesso em: 25 out. 2023.

VERNEY, L. A. *Verdadeiro Metodo de Estudar*, para Ser útil à Republica, e à Igreja: proporcionado Ao estilo, e necessidade de Portugal. Valença, tomo I, oficina de Antonio Balle, 1746. Disponível em: <https://purl.pt/118/4/sc-53280-v/sc-53280-v_item4/sc-53280-v_PDF/sc-53280-v_PDF_24-C-R0150/sc-53280-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 25 out. 2023.

VIEIRA TRANSTAGANO, A. *A New Portuguese Grammar in four parts*. London: Printed for J. Nourse, 1768. Disponível em: <https://purl.pt/25130/4/res-4476-v_PDF/res-4476-v_PDF_24-C-R0150/res-4476-v_0000_capa-cap_a_t24-C-R0150.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2023.